

A *Série Estudos do Léxico* da Editora Mercado de Letras tem por objetivo a publicação de livros e/ou coletâneas sobre a temática dos estudos lexicais. As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia – é uma área de pesquisa já tradicional, e sempre em ascensão no Brasil; conta com um Grupo de Trabalho (GT) muito produtivo na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll) e com relevantes pesquisadores inseridos nas mais diversas Universidades brasileiras. Desse modo, trata-se de uma “grande área do conhecimento” que reúne um representativo público de pesquisadores, docentes e discentes de Graduação e Pós-Graduação. As outras propostas pretendem abarcar os argumentos em torno da Lexicografia pedagógica e infantil, da Metalexicografia, da Toponímia, da Fraseologia e Paremiologia, entre outros.

**De Histórias,
Palavras e
Dicionários**

**Estudos em
homenagem à
Clotilde de Almeida
Azevedo Murakawa**

O DICCIONARIO DE VOCABULOS BRAZILEIROS
(1889): CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA
DA LEXICOGRAFIA DO PORTUGUÊS E DA
DICIONARÍSTICA BRASILEIRA

Maria Filomena Gonzales¹

*Para Clotilde, estranheira de
dicionários, lexicógrafa e amiga.*

Introdução

A lexicografia da língua portuguesa tem as suas origens em obras bilingues (latim-português e vice-versa) publicadas nos séculos XVI e XVII, na esteira do movimento lexicográfico europeu (Verdelho 2002). Apesar da vinda a lume do *Thesouro da Língua Portuguesa* (1647), de Bento Pereira (1605-1681), a produção verdadeiramente monolíngue, isto é, sem confronto sistemático com o latim (salvo no tocante à informação etimológica),

1. Universidade de Évora, ECS/DLL; CIDEHUS/FCT - UID/HIS/00057/2019.

desenvolveu-se a partir do *Vocabulário Português e Latino* (1712-1721) de D. Rafael Bluteau (1638-1734). Este *Vocabulário* foi “reformado e acrescentado” nos dois volumes do *Dicionário da Língua Portuguesa* (1789),² de António de Moraes Silva (1725-1824), lexicógrafo nascido no Rio de Janeiro, cuja obra “estabeleceu as origens e deu fundamento a toda a genealogia da lexicografia portuguesa” (Verdelho 2003, p. 473).

Embora a 1ª edição do *Dicionário* de Moraes Silva (Murakawa 2006) se caracterize pela aplicação de práticas lexicográficas mais modernas do que as de Bluteau (Silvestre 2008) – exclusão de nomes próprios, redução da extensão dos artigos ou verbetes, textualização mais reduzida de cada palavra, por exemplo – a verdade é que a dicionarística monolíngue só ganhou pleno fôlego no século seguinte, uma vez que os outros dois dicionários setecentistas foram projetos falhados, ainda que por motivos diferentes, pelo menos como dicionários do léxico geral. Neste universo lexicográfico, a nomenclatura de Moraes e Silva, em particular a de 1813, fornece o inventário fundamental do léxico português, sucessivamente atualizado pelos lexicógrafos seguintes. De facto, a dicionarística monolíngue do século XIX conheceu uma notável profusão de títulos para satisfazer distintos públicos, finalidades, níveis de ensino e de especialização técnica. No que diz respeito, especificamente, às unidades lexicais usadas no Brasil – os chamados “brasileirismos”³ – é de realçar que Bluteau foi o lexicógrafo que iniciou não só a dicionarização sistemática dessas palavras como também a sua marcação lexicográfica, dicionarizando um número significativo de

vocábulos assimilados com a marca “termo do Brasil” (Murakawa 2005; Gonçalves 2006).

Rafael Bluteau tem em Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro, um continuador que foi sensível não só aos “brasileirismos” em geral mas também às “terminologias” cunhadas no Brasil, como era o caso da “terminologia açucareira”, vale dizer, o conjunto de vocábulos referentes ao cultivo da cana e à produção de açúcar nos engenhos brasileiros (Gonçalves 2012, 2016). Esta “dicionarização do Brasil” deve-se ao facto de Moraes Silva ser “senhor de engenho” em Pernambuco, o que explica quer a quantidade de termos açucareiros incluídos no seu dicionário, muitos deles não averbados por Bluteau, quer o por menor das descrições dos referentes nomeados que, não raro, dispensam a abonação textual. O conhecimento do lexicógrafo era empírico, fruto da observação direta, ao contrário de Bluteau, que apenas coligira testemunhos escritos. Na 2ª ed. do *Dicionário* de Moraes (1813) são muitas e variadas as unidades registradas como “termo do Brasil” ou “Brasil”, mas certamente o lexicógrafo dicionariza palavras que há muito eram usadas em terras brasileiras no contexto do plantio da cana e da produção de açúcar (Gonçalves 2012).

Pouco depois da publicação da referida edição, o Brasil torna-se um país independente, situação que, em sintonia com o espírito pós-colonial, se traduzirá na afirmação dos traços distintivos da variedade brasileira ou “língua brasileira” (Coelho 2012). Entre os argumentos esgrimidos em prol de uma independência linguística conta-se a existência de um léxico próprio – os indígenas (Ferreira 2002; Noll e Dietrich 2010; Rodrigues 2010), por um lado, e por outro, os africanismos (Bonvini 2002, 2008; Petter 2002, 2006; Pessoa de Castro 2006; Alkmim e Petter 2013). Fruto da história do Brasil e da miscigenação ao longo de séculos, esta e outras ideias presidiram tanto a textos apologeticos, ideologicamente ditados pelo nacionalismo e pelo positivismo então em voga, como aos “vocabulários” que inauguram a lexicografia brasileira (Finatto 1993; Nunes e Petter 2002), se bem que, numa primeira fase, esta

2. Só na 2ª edição Moraes assumirá verdadeiramente a autoria deste *Dicionário*. Com efeito, no frontispício da edição setecentista consta o seguinte: “*Dicionário da Língua Portuguesa* composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, Reformado e Acrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro”.
3. Não cabe neste trabalho discutir o conceito e o alcance de “brasileirismo”, assunto que, desde o século XIX até aos nossos dias, vem sendo analisado e debatido sob várias perspetivas. Remete-se, entre outros, para: Boléo (1943), Cunha (1987), Oliveira (1998) e Murakawa (2005).

visasse servir de complemento aos dicionários portugueses em circulação no Brasil.

Um bom exemplo de lista que disponibiliza apenas a definição ou a descrição das realidades nomeadas é o *Vocabulário Brasileiro* (1853), de Braz da Costa Rubim (1810-1870). Décadas depois, o *Dicionário de Vocabulos Brasileiros* (1889), do Visconde de Beaurepaire-Rohan⁴ (1812-1294) já exemplifica uma prática lexicográfica mais elaborada. Porém, apenas quatro anos após a independência, o Visconde de Pedra Branca⁵ (1780?-1875), embaixador do Brasil em Paris, reunia, a pedido de Adrien Balbi, uma pequena amostra de “brasileirismos” para ser incluída na “Introduction” ao *Atlas ethnographique et des peuples du globe* (Balbi 1826, pp.172-175). Ali eram destacados, por um lado, 8 vocábulos que mudaram de significação e, por outro, 51 palavras usadas no Brasil. Sem seguir o critério alfabético, a lista do Visconde da Pedra Branca está longe de ser um glossário de brasileirismos; porém não deixa de ter um caráter “inaugural” (Alkmin 2012), seja do ponto de vista da compilação do léxico brasileiro, seja como antecedente da lexicografia brasileira. Por sua vez, o *Vocabulário brasileiro* (1853), de Braz da Costa Rubim (1817-1870), que reúne principalmente zoológicos, fitônimos e etnônimos, apenas teve a pretensão de “servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa”. Na segunda metade do século XIX, as obras que mais correspondem a um dicionário de brasileirismos (Oliveira 1998), visto disponibilizarem dados preciosos para o estudo da dialetologia brasileira e da variação da língua portuguesa em geral, são o *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (1875-1888), de Macedo Soares (1838-1905), e o *Dicionário de Vocabulos Brasileiros* (1889), de Beaurepaire-Rohan (1812-1894), cujo dicionário constitui o objecto deste trabalho.

4. Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire-Rohan nasceu em Niterói e morreu no Rio de Janeiro. Bacharel em Física e Matemática, foi militar e político, tendo exercido como vice-presidente do Paraná e presidente do Pará e da Paraíba. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, escreveu a *Corografia da Provincia da Paraíba do Norte*.
5. Mais conhecido por este título, o seu nome era Joaquim Borges de Barros.

Dicionário de Vocabulos Brasileiros

O *Dicionário de Vocabulos Brasileiros* (1889), doravante, *DVB*, é um dos primeiros intentos de inventariar e definir os brasileirismos, muito embora o autor confesse que a obra poderia ser mais extensa e completa:

Reconheço que o meu *Dicionário de Vocabulos Brasileiros* melhor preencheu seu título se comprehendesse a totalidade das denominações vulgares dos nossos productos naturaes, das tribos dos aborigenes que existiram e ainda existem em nosso paiz, e das localidades, cuja etymologia é tão rica de poesia.

Não foi certamente por me falharem materias que deixei de o fazer: foi pelo recio de perder o meu trabalho, se não me apressasse em publical-o, no pe em que se achava. Na minha avancada idade não licito confiar muito na vida. Tal qual o dou ao prelo, podera servir de base a obra de mais desenvolvimento [...].

Com efeito, Beaurepaire-Rohan tinha 77 anos quando o *DVB* vem a lume. A seguir ao citado *Prólogo*, também é de realçar a referência à etimologia, aspecto que, dada a origem do léxico compilado – palavras de origem indígena (indigenismos), africana (africanisms), outras origens (espanhola, por ex.) e origens não identificadas ou hipotéticas –, se reveste da maior importância para a história da lexicografia brasileira. Quanto à etimologia, refere o autor: “A respeito de etymologias, não menciono senão aquellas que me parecem racionais. Procural-as na méra semelhança de palavras é um erro que nos conduz a verdadeiros despropósitos”.

Por último, importa salientar que o autor não exagera ao declarar que se muniu de abundantes materiais. De fato, são muitas e variadas as fontes em que se baseou para coligir a nomenclatura da

obra, socorrendo-se quer dos testemunhos de vários informantes, quer de fontes lexicográficas (incluindo fontes dialetais), tanto portuguesas como brasileiras, muitas delas mencionadas sem indicação da data.

Análise da amostra extraída do DVB

Técnica lexicográfica

A nomenclatura do *DVB* apresenta-se em minúsculas, destacadas mediante negrito e caracteres maiores do que os usados no enunciado lexicográfico. Este contempla, por sua vez, campos ou paradigmas diferentes, a saber: a abreviatura em itálico da categoria gramatical da unidade (s.m, s.f, v. tr. v. intr, intrf., por exemplo); um paradigma, entre parêntesis, que informa acerca da variação diatópica no Brasil, seguido do paradigma definicional (i.e. a definição ou conjunto das acepções das unidades brasileiras ou portuguesas), o qual, por se tratar de um dicionário de brasileirismos, com enorme frequência é perifrástico, ou seja, em vez de sinónimos oferece a descrição das características físicas ou da serventia do referente (animal, planta, objeto etc.). Também se registam muitos casos de definição sinónímica. Para distinguir homónimos, Beaurepaire-Rohan introduziu numeração (1º, 2º, 3º), em entradas diferentes, consoante fica atestado no exemplo *Acarajé*, que é sinónimo de *acarajé*,⁶ mas também é o nome de vários peixes.

6. Marcado como palavra da "Bahia e do R. de Jan.", segundo Beaurepaire-Rohan (1889: p.2), o substantivo *acarajé* corresponde a uma "espécie de comida feita de massa de feijão cozido, tendo a forma de bolas, e fritas em azeite de dendê com pimenta malagueta". Em Houaiss (2001), por sua vez, *acarajé*, com a marca de regionalismo baiano, é descrito como "bolinho de feijão-fradinho descascado, moído, temperado com sal e cebola ralada, muito bem batido antes de ser frito no azeite de dendê, e servido com molho de pimenta-malagueta, camarões secos, vatapá, tomate e pimentão; acarajé".

Como termo de culinária, *acarajé* tem em Houaiss (2001) datação de 1587, mas como icónimo (i.e. nome de peixe), tem atestação em 1899, data do *Novo Dicionário do Lexicógrafo português* Cândido de Figueiredo (1846-1925). Esta última data está certamente desfasada, porquanto a palavra de origem tupi (Rodrigues 2010) é bem mais antiga. Por outro lado, Beaurepaire-Rohan não inclui no enunciado lexicográfico um campo etimológico (*Etyim.*) que, à semelhança do campo relativo a *Observações* (*Obs.*), aparece separado das informações anteriores por meio de duas barras verticais (||). Estes são alguns aspectos da prática lexicográfica do autor do *DVB*, com base nos quais se passará à análise do conteúdo dos verbetes e, em concreto, dos problemas de datação colocados pelos "brasilismos" arrolados por Beaurepaire-Rohan.

Foi selecionada uma amostra extraída das Letras A, B e C e, ainda, unidades extraídas de outras letras que, em virtude do seu interesse lexical ou lexicográfico, figuram em quadros separados. A extensão da amostra deve-se ao fato de que o *DVB* tem sido analisado sobretudo na ótica do discurso em torno da identidade brasileira (Horta 2006, pp. 224-242; Alkmin 2012) – e, por vezes, da perspetiva dialetológica, sendo escassos os estudos lexicográficos e lexicológicos.

Aspectos lexicológicos e lexicográficos

Descrita a dimensão técnica do *DVB*, apresenta-se a seguir a amostra que será objeto de alguns comentários analíticos centrados na definição, na variação diatópica do Brasil, na referência à do português europeu e na datação, aspectos que, para evitar repetições, serão tratados em paralelo. Antes, porém, veja-se a amostra relativa à Letra A.

QUADRO 1 – Amostra da Letra A⁷

LETRA A			
Unidade lexical	DVB (1889)	HOUAISS (2001)	Datação em Houaiss
Alagoano	<i>s.f.</i> Natural da provincia de alagoas [...] <i>adj.</i> , que pertence áquella provincia: A lavoura alagoana consiste principalmente na cultura da canna d'assucar e do algodão.	Relativo a Alagoas, estado do Brasil, ou o que é seu natural ou habitante; alagoense.	alogoano - 1871 alagoense – não datado
Amadrinhar	<i>v.tr.</i> (Prov. merid.) acostumar uma tropa de animaes muares a viver em companhia de uma egua, á qual dão por isso o nome de <i>madrinha</i> ¹ [...] (<i>Riba-Tejo, em Portugal</i>) é jungir o touro com um boi manso, afim de afazel-o ao trabalho (Aulete).	Regionalismo: Sul do Brasil. Emparelhar (cavalo) com (égua ou burro).	amadrinhar – não datado
Aporreado	<i>adj.</i> (R Gr. so Sl.) diz-se do cavallo mal domado, ou que não se tem conseguido domar [...] <i>Obs.</i> O verbo aporrear é tanto portuguez (Moraes) como castelhano (Valdez), no sentido de espancar. Aulete não o menciona..	Regionalismo: Brasil. indomável ou mal domado (diz-se de cavalo).	aporreado (na acepção do DVB, não datada/ aporreado (1611)
Amarinheiro	<i>s.m.</i> (R. de Jan.) proprietario de um amarinho. I É aquillo a que chamam em Lisboa <i>Capellista</i> .	Regionalismo: Brasil. proprietário de ou aquele que toma conta de amarinho.	amarinho (1899) capelista (1873)

7. Os exemplos extraídos do DVB são transcritos de acordo com a grafia do original. Por razões de espaço, nem todos os artigos são integralmente transcritos. É de notar que os Quadros 1, 2 e 3 têm uma coluna reservada à datação indicada por Houaiss (2001), quer para a palavra-entrada, quer para outras unidades mencionadas no enunciado.

Amarinho	<i>s.m.</i> (R. de Jan.) casa de negocio em que se vendem miudezas, cadarços, linhas, agulhas, sabonetes e outros objectos de pequeno valor. Corresponde ao que na Bahia chamam de <i>loja de capellista</i> ; em Pernambuco <i>loja de miudezas</i> ; e em Lisboa <i>loja de capella</i> . [...]	Regionalismo: Brasil. loja em que se vendem tecidos, aviamentos de costura e outras miudezas; loja de miudezas; loja de capela	amarinho - 1881 loja de capela (não datado)
Arruador	<i>s.m.</i> (Rio de Jan.) empregado municipal que tem a seu cargo fazer com que nas edificações se atenda sempre á melhor direcção que deve ter a rua, impedindo que as casas a construir saiam fora do alinhamento. II Em Portugal, a palavra <i>Arruador</i> se aplica ao vadio, quebra-esquinas, amotinador. (Aulete) I em <i>Pern. e Par. do Norte</i> ao Arruador chamam <i>Cordeador</i> .	adjetivo e substantivo masculino 1 que ou aquele que arrua, que projeta ou constrói ruas [...] 3 que ou aquele que vagabundeia; vadio.	arruador (acepção do DVB, não datada) quebra-esquinas (não datada) amotinador (1609) cordeador (sem datação)
Aturá	<i>s.m.</i> (Pará) espécie de cesto conico ou cylindrico de perto de dous metros de altura, servindo nas roças para transportar mandioca e outros quaisquer productos ruraes. Parecem-se com os poceiros, de que usam os vindimadores de Portugal.	Regionalismo: Brasil. cesto grande e alto, de formato cilíndrico, que os índios carregam nas costas para transportar sementes, frutos etc.; uruçanga.	aturá (1833) uruçanga (sem datação) poceiro (1720)
Axí!	<i>Int.</i> (Pará). Expressão de tédio ou repugnância para com alguma cousa ou dito desagradável (B. de Jary). Corresponde ao portuguez <i>apre ! fóra !</i> . Também dizem <i>Exe !</i>	Regionalismo: Amazônia. expressão de espanto, desdém ou zombaria.	axi (1899) apre (1526) exe (sem datação)
Azeite-de-dendê	<i>s.m.</i> oleo extrahido do fruto do Dendzeiro [...]. É aquillo a que os Portuguezes chamam <i>oleo de palma</i> .	a. de dendê m.q. dendê ('óleo')	dendê (1836) óleo de palma (não datado)

Embora o Quadro 1 disponibilize dados relativos ao significado, às acepções e, ainda, à marcação diatópica e à datação das unidades, por razões de espaço apenas serão examinados alguns dos exemplos. Assim, o verbo “armarinho” permite registrar a evolução semântica da unidade, na origem diminutivo de “armário”, que começou por designar lojas de pequenas dimensões, existentes na rua do Hospício (Rio de Janeiro), para passar a nomear também “grandes estabelecimentos”, nos quais se vendiam artigos de luxo para as senhoras, para lá de “toda a sorte de miudezas” (Beaurepaire-Rohan 1889, p. 9). A unidade “capelista” levou-nos a indagar a origem desta palavra, já que nem Beaurepaire-Rohan nem Houaiss a explicam, se bem que o segundo a considere “Regionalismo: Estremadura (*Lisboa*)”, para designar “aquele que vende miudezas e bugigangas”, derivando de “capela + -ista”. Como diacronismo, em Portugal, *capela* significa “miudezas de armário (linha, fita, botão etc.), bugigangas e enfeites femininos” (Houaiss 2001). Ora, de acordo com o *Novo Dicionário Crítico e Etimológico* (1844), de Solano Constâncio (1777-1846), o nome da loja especializada em “fazendas, luvras, meias de seda, rendas, flôs, flores artificiaes, taferá, fitas, leques etc.” deriva de “capela” porque “anteriormente estas lojas estavam junto á capella real no paço da Ribeira em Lisboa” (Constâncio 1844, p.219), sendo que *capelista* passou depois a denominar esse tipo de estabelecimento, qualquer que fosse a sua localização. No caso de *arrimonar*, Beaurepaire-Rohan baseia-se na *Colleção de Vocabulos e Phrases usadas na Provincia de São Paulo do Rio Grande do Sul no Brazil* (1852/1856), de António Álvares Pereira Coruja (1806-1889), sua fonte a respeito do léxico gaúcho e, em certos casos, para a etimologia espanhola de algumas unidades. Por sua vez, o enunciado relativo a *ahurá* ilustra a definição por *genus proximum*, procedimento que remonta aos autores Romanos e que mantém, até hoje, a sua utilidade, visto possibilitar a definição de um referente desconhecido por meio de outro cujas características físicas ou propriedades são conhecidas. Assim, o brasilicismo *ahurá* designa um cesto que se assemelha ao *poceiro*, usado pelos vindimadores portugueses, tendo aquela unidade registo lexicográfico desde 1833, ao passo que a segunda está registada desde 1720 (Houaiss 2001). Com efeito, *poceiro* tem

registo em Bluteau, que serve de referência cronológica a Houaiss, onde esta unidade – derivada de “poço” + “-eiro” – é definida como um “grande cesto de vime; cabaneiro, cabano”. Estas últimas unidades são sinónimas, sendo que a segunda tem datação de 1899 (Houaiss 2001), embora a palavra *cabano seja*, certamente, muitíssimo anterior, o que prova até que ponto a datação e a retrodatação constituem, nos estudos diacrónicos do léxico, um dos maiores desafios. Note-se que *uruganganga* é assinalado como “Regionalismo: Brasil”; porém, sem uma marca diatópica e sem datação (Houaiss 2001).

Entre os nomes compostos ou lexias complexas incluídas no *DVB* figura *azeite de dendê* (não hifenizado) ou, simplesmente, *dendê*. Houaiss (2001) define-o nos seguintes termos: “óleo obtido desse fruto, de duas qualidades, um extraído da polpa, de cor avermelhada, sabor doce e consistência de manteiga, muito us. na culinária afro-brasileira, tb. empr. no fabrico de sabão, vela, graxas e lubrificantes e na indústria siderúrgica, e outro, da semente, tb. conhecido como *palmiste*, andim [...], azeite-de-cheiro, azeite de dendê, óleo de palma [...]” (Houaiss 2001). Esta unidade (*óleo de palma*) recebe a marca de “Regionalismo: África, Portugal”, correspondendo à forma brasileira *dendê* (“óleo”).

Marca da no *DVB* como interjeição usada no Pará, *axé* corresponde a *apre* no português europeu, interjeição que, consoante informa Houaiss (2001), tem registo lexicográfico em 1899, vale dizer, em Cândido de Figueiredo, para expressar “rejeição, aversão a (alguém ou algo); longe de nós, fora, ira; aborrecimento, amofinação, raiva; incredulidade, espanto e, por vezes, admiração”. Por sua vez, a interjeição *axe* (não datada em Houaiss 2001) recebe a marca de “Regionalismo: Amazônia”, expressando “rédio, desagrado ou repugnância diante de fato ou dito desagradável; ixé”. Apoiado em Cândido de Figueiredo, cujo *Novo Dicionário* é de 1899, Houaiss atribui essa datação a *axe* que é de acordo com este dicionário, um “Regionalismo: Nordeste do Brasil” correspondente à interjeição *ixé* (não datada em Houaiss) e que, tal como *ixé - ixé* e *ixé* (abreviações populares de *ixém Maria*) – em Houaiss recebe a marca de “Regionalismo: Nordeste do Brasil Usor. informal”.

A seguir, veja-se a amostra extraída da Letra B.

QUADRO 2 – Amostra da Letra B*

LETRA B			
Unidade lexical	DVB	HOUAISS (2001)	Datação em Houaiss
Badâna	<i>s.f.</i> (R. Gr. do Sul) pelle macia lavrada que se põe por cima do coxonilho (Coruja). <i>Etym.</i> Este vocábulo é tanto portuguez como castelhano; e em uma e em outra língua significa uma carneira com que se cobrem os livros. Segundo Moraes e Aulete, aplicam-no também á ovelha velha e magra, que já não pare. [...].	Regionalismo: Sul do Brasil. pele macia, lavrada, que se põe por cima do coxonilho.	badana (acepção DVB não datada)
Baixáda	<i>s.f.</i> valle, planicie pequena entre duas montanhas. No R. Gr. do Sul tambem lhe chamam <i>Canhada</i> . ² <i>Etym.</i> É clara a origem portugueza deste termo. Aulete o menciona como termo brasileiro.	área plana em meio a montanhas	baixada (1881)
Bala	<i>s.f.</i> (R. de Jan. e Provs. merid.) pequena pelota de assucar refinado em ponto vitreo e envolto em papel. É o que em Portugal, e no Pará chama <i>Rebuçado</i> ; na Bahia, <i>Queimado</i> ; em Pernambuco, <i>Alagôas</i> e outras províncias do Norte, <i>Bóla</i> . Este confeito deve, sem duvida, seu nome á fôrma arredondada que lhe davam antigamente. Hoje ha <i>Balas</i> de todos os feitios.	Regionalismo: Brasil. Pequena guloseima de açúcar em ponto vítreo, ao qual se acrescentam corantes e/ou ingredientes ou essências de vários sabores.	bala (1899) queimado (sem datação) bola (sem datação)
Barbicacho	<i>s.m.</i> (R. Gr. do Sul) cordão trançado, cujas pontas cosidas no chapéu, o prendem ou seguram á pessoa que o traz, passando por baixo da barba (Coruja). <i>Etym.</i> É termo castelhano usual em Extremadura, Andaluzia e outras provincias de Hespanha (Valdez). É tambem palavra, portugueza no sentido de cabeçada de corda para bestas (Aulete) <i>Obs.</i> Em são Paulo dão ao <i>barbicacho</i> do R. Gr. do Sul o nome de <i>barbella</i> .	Regionalismo: Brasil. cordão ou tira de pano, couro etc. com as pontas presas ao chapéu, e que, passando por baixo do queixo, prende o chapéu á cabeça; barbela, queixinho	barbicacho (acepção do DVB não datada) Barbicacho (acepção de Aulete, 1881)

Basto	<i>s.m.</i> (R. Gr. do Sul) especie de lombilho de cabeça mui rasa e pequena. <i>Etym.</i> É vocábulo castelhano (Valdez). Em portuguez o termo <i>baste</i> , significa a sella que se põe nas cavalgadas, que transportam as peças, os cofres e os reparos de artilharia de campanha (Aulete).	Regionalismo: Sul do Brasil. 1 cada uma das partes acolchoadas e paralelas do lombilho que se apóiam no lombo da cavalgada; basteira, suadeira, bata 2 m.q. <i>lombilho</i>	basto (acepção do DVB sem datação) baste (na acepção port., 1881, Aulete) lombilho (1889)
Boccal	<i>s.m.</i> (R. Gr. do Sul) peça de prata, que circumda o loro na parte inferior, imediata ao estribo (Coruja). <i>Obs.</i> O termo <i>Boccal</i> , em Portugal, além de outras significações, que são tambem usuas no Brazil, serve para designar a peça do freio que entra na bocca do animal.	Regionalismo: Rio Grande do Sul. peça de prata ou de couro, em forma de anel, que circunda o loro, ajustando-o ao estribo	bocal (acepção DVB não datada)
Boquinha	<i>s.f.</i> beijinho. Moraes o menciona como termo brasileiro. Aulete apenas o emprega na seguinte locução: «Á boquinha da noute, isto é, quando principia a anoutecer», locução que é tambem usual no Brazil.	Derivação: por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. beijo temo, delicado; beijinho.	boquinha ³ (acepção DVB sem datação)
Bumba-meu-boi	<i>s.m.</i> especie de divertimento sofrivelmente insipido, que consiste em mascarar-se um homem com uma caveira de boi, enrolar-se em uma coberta de lã vermelha, e arremeter a uma meia dúzia de sujeitos, que o excita, com aguilhadas, cantando constantemente: <i>Eh, bumba, meu boi</i> . Não duvido que esse divertimento tenha alguma semelhança com o que em Portugal chama <i>Touros de canastra</i> .	Regionalismo: Brasil. dança dramática do ciclo natalino, difundida em todo o Brasil com variedades locais, cujo personagem central é um boi que morre e ressuscita [sin.: <i>boi-bumbá, boi-calemba, boi-calumba, boi-culemba, boi-de-mamão, boi-de-matraca, boi-de-melão, boi-de-orquestra, boi-de-reis, boi-de-zabumba, boi-melão, boi-pintadinho, boi-surubi, boi-surubim, boizinho, bumba, bumba-boi, cavalo-marinho</i>]	bumba-meu-boi (1848) (touros de) canastra

(*) As notas referentes aos Quadros 2 e 3 encontram-se ao final do capítulo; p. 47.

As unidades reunidas no quadro acima suscitam comentários relevantes quer para a análise do diálogo entre a nomenclatura / microestrutura do *DVB* e a lexicografia portuguesa do último quartel do século XIX, quer para a questão da primeira datação e retrodatação de certos “brasileirismos” e, inclusive, de vocábulos portugueses. Assim, a unidade *badana*, que segundo Houaiss tem origem árabe na aceção registada no *DVB*, neste dicionário não possui datação (Houaiss 2001).

A respeito da unidade *bala*, equivalente da portuguesa *rebunado* (também usada no Para), Beaurepaire-Rohan dá conta da variação diatópica brasileira – *queimado* e *bola* –, sendo que a primeira é regionalismo baiano e a segunda é “Regionalismo: Nordeste do Brasil, Sul do Brasil”. Como termo culinário (Houaiss 2001), *rebunado* não tem datação, não obstante a aceção “pelota de assucar” estar averbada já em Morris Silva (1813 p. 560). Quanto a *bola*, Houaiss assinala esta unidade como termo relativo à alimentação e marca-o como “Regionalismo: Nordeste do Brasil, Sul do Brasil” que equivale a *bala* (guloseima). Por sua vez, “*queimado*”, tal como indica Beaurepaire-Rohan no *DVB* (1889, p.13), é regionalismo baiano equivalente de *bala*. Porém, este sinónimo em Houaiss não está datado. No *DVB*, a unidade *barbiacho*, ademais de um regionalismo do Rio Grande do Sul, também é “palavra portuguesa, no sentido de cabeçada de corda para bestas (Aulete)”, aceção que remonta a 1881, data do *Dicionário* do lexicógrafo citado (Aulete). Note-se que em Portugal se usa a variante *barbiacho*, para referir ‘problema’, ‘imposição’, forma não datada em Houaiss, que a assinala como “Regionalismo: Portugal m.q. *barbiacho*”. Do *DVB* não consta a aceção portuguesa, nem tampouco do *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, de Macedo Soares. Como regionalismo gaúcho, *bará*, segundo o *DVB*, tem etimologia espanhola e denomina uma “especie de lombillo de cabeça mui rasa e pequena”, aceção não datada em Houaiss, ao contrário de *lombillo* que, com registo lexicográfico em 1899 (Houaiss 2001, baseado em Cândido de

Figueiredo 1899), significa “apêto pertencente aos arreios que é usado como sela; bastos”. Marcada no *DVB* como unidade portuguesa, segundo Beaurepaire-Rohan, *bará* tem registo em 1881 (Aulete e Valente 1881). Como esta unidade não consta da nomenclatura de Morais (1813), nem aparece em Vieira (1871) ou em Houaiss (2001), é possível atribuir-se 1881 como datação provisória, pelo menos no tocante ao registo lexicográfico.

Para a unidade composta *Bumba-men-boi*, Houaiss aponta vários sinónimos, a saber, *boi-bumbá*, *boi-calamba*, *boi-calumba*, *boi-culemba*, *boi-de-munão*, *boi-de-matraca*, *boi-de-melão*, *boi-de-orquestra*, *boi-de-reis*, *boi-de-sabumbá*, *boi-melão*, *boi-pintadinho*, *boi-sarubi*, *boi-sarubin*, *boizinho*, *bumba*, *bumba-boi*, *canalo-marinho*, dos quais a maioria não possui datação naquele dicionário. Apenas duas destas unidades possuem datação em Houaiss: *bumba-men-boi*, com datação (1849) fundada no *Dicionário do folclore brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo, e *boi-bumbá*, com data de 1913, visto figurar no rol da 2ª edição do *Novo Dicionário* (1913), de Cândido de Figueiredo. Em caso algum, Houaiss aventa qualquer etimologia. Nas páginas seguintes, vejamos-se exemplos extraídos da Letra C do *DVB*.

Embora a mostra extraída da *Letra C* do *DVB* suscite comentários de várias ordens acerca das diferenças lexicais entre o Português do Brasil e o Português Europeu, chamaremos a atenção unicamente para os casos em que se verifica uma das seguintes situações:

- 1 unidades incluídas no *DVB* sem datação em Houaiss;
2. relevo dos dados contidos nos verbetes do *DVB*.

Em relação à primeira situação, são muitos os vocábulos arrolados no *DVB* que não têm datação em Houaiss (2001), facto que põe de manifesto, mais uma vez, que os redatores deste dicionário não realizaram um confronto sistemático das fontes lexicográficas.

QUADRO 3 – Amostra da Letra C

LETRA C			
Unidade lexical	DVB (1889)	Houaiss (2001)	Houaiss - Datação
Cachoeira	<i>s.f. (Maranhão)</i> o mesmo que <i>Corredeira</i> . II Em geral, tanto em Portugal como no Brasil, a palavra <i>Cachoeira</i> se applica ao salto mais ou menos elevado de um rio.	1.torrente de água que corre ou cai formando cachão ('borbotão, turbilhão') [...] Regionalismo: Maranhão. 3.m.q. <i>corredeira</i> ('parte de rio').	cachoeira (1583) corredeira (1836)
Cachear	<i>v. intr. (Bahia, Alagoas, Pern. e Ceará)</i> espigar o arroz. II <i>Obs.</i> É verbo da língua portuguesa, no sentido de encher-se ou cobrir-se de cachos a parreira (Aulete). Quanto ao arroz é expressão brasileira (Aulete e Moraes).	1.formar cacho(s) ou cobrir-se de cachos (diz-se ger. de plantas); acachear Ex.: as parreiras cachearam 2 espigar ou começar a espigar (o arroz ou outro vegetal)	cachear (1836 ⁴)
Cãibro	<i>s.m. (Pern., Alagoas)</i> um par de qualquer objecto, principalmente duas espigas de milhos, presas entre si, com a propria palha. II Há em Portuguez o termo <i>cambo</i> significando <i>cambada</i> , enfiada: Um <i>Cambo</i> de pescado (Moraes). Será essa origem do nosso vocábulo? Na <i>Par. do Norte</i> e <i>R. Gr. do N.</i> dão ao <i>Cãibro</i> o nome de <i>Atilho</i> (Meira).	Regionalismo: Brasil. par de espigas de milho unidas com a própria palha	cãibro (na acepção do DVB não datado). atilha ⁵ (na acepção do DVB, não datado)

Caipira	<i>s.m. (S. Paulo)</i> nome com se designa o habitante do campo. Equivale a <i>Labrego</i> , <i>Aldeão</i> e <i>Campones</i> em Portugal; <i>Roceiro</i> no R. de Jan., Mat. Gr. e Pará; <i>Tapiocão</i> , <i>Babaquara</i> e <i>Muxuango</i> em Campos dos Goytacazes; <i>Mattuto</i> em Minas Geraes, Pern. e Par. do Norte, R. Gr. do Norte e Alagoas; <i>Casaca</i> e <i>Bahiãno</i> no Piahy; <i>Guasca</i> no R. Gr. do Sul; <i>Curau</i> em Sergipe; e finalmente <i>Tabaréu</i> na Bahia, Sergipe, Maranhão e Pará. [...].	5.Regionalismo: Minho. que é avarento, sovina, mesquinho [...]. 7. indivíduo natural ou habitante de parte das regiões Sudeste e Centro-Oeste brasileiras, esp. São Paulo, de origem rural, caracterizados pela agricultura de subsistência, pela cultura itinerante e por não terem a posse da terra [...]. 9.Regionalismo: Brasil. Uso: informal. malandro, vadio.	caipira (1872) roceiro (acepção não datada) Tapiocano (1837) babaquara (não datado) muxuango (1899) matuto (1836) casaca (acepção sem datação) baiano (acepção sem datação) cuasca (1881) curau (1899) tabaréu (1899)
Camaráda	<i>s.m. (Paraná, S. Paulo, Minas Geraes, Goyaz, Mat. Gr.)</i> homem assalariado para servir não só de conductor de animaes, como em trabalhos ruraes e domésticos. II No R. de Jan. e nas províncias que lhe ficam ao norte tem este vocábulo a significação portugueza de companheiro, amigo colega, e é, como em Portugal, geralmente usado entre militares.	10 trabalhador(a) que é empregado temporariamente numa propriedade rural para tarefa doméstica, agrícola, pecuária, de exploração mineral etc. 12 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. companheiro de armas, de batalhão, de regimento etc.; soldado.	camarada (1614)
Cangueiro	<i>adj.</i> preguiçoso, vagaroso, negligente [...]. Em outras acepções é vocabulo portuguez; como <i>adj.</i> refere-se ao que traz canga, que está habituado à canga, ou póde ser posto à canga [...]. Como <i>s.m.</i> é o nome de uma especie de barco de fundo chato usado na navegação do Tejo.	2 Regionalismo: Brasil. que leva canga (diz-se de animal); habituado à canga. 3 Regionalismo: Brasil. que demonstra preguiça; indolente	cangueiro (1899)

Canjica	<p>1º s.f. (R. de Jan. S. Paulo, Paraná, Sta.-. Cathr., R. Gr. do Sul, Minas Geraes, Goyaz e Mat. Gr.) espécie de frangolho feito de milho branco contuso, que geralmente se toma sem tempero, mas a qual se pôde adicionar assucar, leite e canella. Assim temperado, chama-se <i>Mungunzá</i> na Bahia, Pern. e outras provs. do N. 2º s.f. (Bahia e as demais provs. do N.) espécie de papas feitas de milho verde. A isso chamam <i>curáu</i>, em S. Paulo e Mt. Gr.; <i>corá</i> em Minas-Geraes e R. de Jan., e nesta ultima provincia tambem a conhecem como <i>papas de milho</i>.</p> <p>3º (R. de Jan. e outras provs.) especie de tabaco de pó, feito com o famoso fumo da ilha de S. Sebastião.</p>	<p>1 Regionalismo: Brasil. papa cremosa de milho verde ralado e cozido com leite e açúcar; corá, jimbêlê, curau.</p> <p>2 Regionalismo: Sul do Brasil, Minas Gerais, Centro-Oeste do Brasil. m.q. <i>mun-guzá</i>.⁶</p> <p>6 Regionalismo: Brasil. rapé feito com tabaco da ilha de São Sebastião, no litoral paulista</p> <p>10 Regionalismo: Minas Gerais. cascalho diamantífero, mescla de areia grossa de rio com pedra pequena; piruruca, pururuca.</p>	<p>canjica (1725, na acepção de papa) Acepção de rapé (sem datação)⁷ mungunzá (1899)</p> <p>curau⁸ (nesta acepção, não datado)</p> <p>corá (1986)</p> <p>piruruca⁹ (sem datação)</p> <p>pururuca¹⁰ (1877)</p>
Canjiquinha	<p>1º (Minas-Geraes) milho pisado e reduzido a fragmentos miúdos, que se prepara á maneira de arroz, para as refeições.</p> <p>2º (Minas-Geraes) espécie de tabaco em pó.</p>	<p>1 Regionalismo: Paraíba. pedra de granito cortada em pequenas dimensões e us. para revestir paredes</p> <p>2 Regionalismo: Rio de Janeiro. m.q. <i>canjica</i> ('papa').</p> <p>3 Regionalismo: Minas Gerais. sopa de quirera com carne e verduras.</p>	<p>canjiquinha¹¹ (sem datação)</p>

Capitão do campo	<p><i>s.m.</i> (Provs. do N.) O mesmo que <i>Capitão do matto</i>.</p> <p><i>Capitão-do-matto s.m.</i> (R. de Jan. e S. Paulo) agente de policia que tinha d'antes a seu cargo o aprisionamento dos escravos fugidos. [...].</p>	<p>Capitão-do-campo. Regionalismo: Norte do Brasil. Diacronismo: obsoleto.</p> <p>1 m.q.¹ <i>capitão-do-mato</i></p> <p>2 feitor de escravos na lavoura.</p> <p>Capitão-do-mato. Regionalismo: Brasil. Diacronismo: antigo. encarregado de tropilha que caçava, a laço e a tiro, nos matos ou mocambos, escravos fugidos das senzalas; capitão-do-campo.</p>	<p>capitão-do-campo (sem datação)</p> <p>capitão-do-mato (sem datação)</p>
Capoeira	<p><i>s.m.</i> (R. de Jan.) espécie de jogo athletico introduzido pelos Africanos, e no qual se exercem, ora por mero divertimento, usando unicamente dos braços, das pernas, e da cabeça para subjugar p adversario, ora esgrimindo cacetes e facas de ponta, donde resultam serios ferimentos.</p>	<p>Capoeira 1</p> <p>1. espécie de cesto de varas, emborcado, us. para guardar capões e outras aves.</p> <p>2. Derivação: por extensão de sentido. casinhola ou gaiola grande us. para abrigar criação de aves</p> <p>Capoeira 3</p> <p>2 arte marcial de ataque e defesa introduzida no Brasil por escravos bantos; capoeiragem [Atualmente praticada como jogo e esporte.]</p> <p>3 vida de capoeira ('lutador de rua'), valentão, desordeiro</p>	<p>capoeira (na acepção do DVB, sem datação)</p>

Carne de vento	V. Charque Charque	Carne de vento - Regionalismo: Sul do Brasil e Centro-Oeste do Brasil. m.q. <i>charque-de-vento</i> . <i>Charque</i> - carne bovina cortada em mantas, salgada e seca ao sol ou por processos afins; carne-seca, jabá.	carne de vento ¹² (sem datação) charque ¹³ (1858) carne-de-sol (sem datação) carne-seca (sem datação) jabá (DVB, 1889)
Catinga	s.f. Fartum, cheiro forte e desagradável que se exhala do corpo humano, sobretudo do dos Africanos, de certos vegetaes e animaes, e de comidas mal preparadas. II <i>Etym.</i> É voc. pertencente á língua tupi. [...].	Regionalismo: Brasil, Moçambique. odor desagradável ou nauseante.	cattinga (nesta acepção, 1727)
Catingar	v. intr. Exalar mau cheiro. Também dizem catinguento.	Regionalismo: Brasil. cheirar mal, exalar mau cheiro.	cattingar (nesta acepção sem datação)
Catingoso	adj. que exhala mau cheiro mesmo que <i>cattinguento</i> .	Regionalismo: Brasil. m.q. <i>cattinguento</i> Catinguento - Regionalismo: Brasil. que ou o que exhala catinga ('odor desagradável'); acatingado, catingoso, fedorento.	cattingoso (1899) cattinguento (1899)
Chico da ronda	s.m. (R. Gr. do Sul) nome de uma das variedades desses bailes campestres a que chama geralmente <i>fandango</i> .	dança. Regionalismo: Sul do Brasil. 1 m.q. <i>chico-puxado</i> 2 m.q. <i>chico-de-roda</i> .	chico-da-ronda (1899) chico-puxado ¹⁴ (1899)

Chiqueiro	s.m. (Pern., Par. do N., R. Gr. do N.) o segundo dos compartimentos de um curral de pescaria, d'onde não pôde mais sahir o peixe que lá entrou. II Tapagem que se faz em um riacho para impedir que por elle desça o peixe <i>tingujado</i> . II (R. Gr. do Sul e também nas províncias do N., onde se cultiva a industria pecuária) pequeno curral para bezerros. [...] II Com a significação portugueza de possilga, é termo geralmente empregado no Brazil.	1 curral onde são criados ou recolhidos os porcos; pocilga 7 Regionalismo: Brasil. o segundo compartimento de um curral, de onde o peixe não pode sair 8 Regionalismo: Norte do Brasil. tapume feito num riacho para deter o peixe <i>tingujado</i> .	chiqueiro (1ª acepção de Houaiss, 1547; restantes acepções, sem datação)
Congonhar	v. intr. (R. Gr. do S.) tomar mate, bebida feita com a congonha [...] II Também dizem matear (Aulete).	Regionalismo: Rio Grande do Sul. tomar mate ('infusão') de congonha; matear. Matear Regionalismo: Rio Grande do Sul. tomar bebida feita de erva-mate	congonghar (sem datação) matear (1881)
Corteiro	s.m. (Serg.) boi manso, que vem sempre ao curral, por opposição ao boi barbatão, que é montado [...] II <i>Etym.</i> Tem sua origem no radical <i>côrte</i> , termo portuguez, significando páteo, curral, casa destinada á habitação e animaes domésticos.	Regionalismo: Brasil. boi dócil que se recolhe sem esforço a corte ou curral.	corteiro ¹⁵ (1899)

Cortiço	s.m. edifício construído com o fim de dar acomodação independente a grande numero de familias da classe pobre. Seu nome provém da analogia de semelhantes estabelecimentos com os cortiços de abelhas. II Em Portugal, alem de synonymo de <i>colmêa</i> , dá-se figuradamente o nome de cortiço a uma casa pequena habitada por muita gente (Aulete). Este autor se engana quando relativamente ao Brazil dá ao cortiço a significação de páteo.	2 sentido figurado. Regionalismo: Brasil. casa que serve de habitação coletiva para a população pobre; casa de cômodos, cabeça-de-porco 3 por extensão de sentido. Regionalismo: Brasil. aglomeração de casas muito pobres	cortiço (acepção do DVB, não datada)
Cutucar	v. tr. tocar ligeiramente alguém com o dedo ou com o cotovelo para lhe fazer uma advertência que se não quer fazer oralmente. Tem este verbo a sua origem no verbo <i>cutúca</i> da língua tupí, que significa palpitar, picar tocar de leve, e é nesta ultima acepção que o empregamos. O seu equivalente na língua portugueza é cotovelar, no sentido de tocar com o cotovelo, para excitar a atenção ou reparo.	Regionalismo: Brasil. Uso: informal. 1 tocar esp. com os dedos ou com o cotovelo em outrem, a fim de chamar-lhe a atenção.	cutucar (1899)
Cuxilar	v. intr. Toscanejar, escadelecer, estar a cahir com sono abrindo e fechando os olhos, e tudo isto antes sentado ou de pé do que deitado [...]. I <i>Etym.</i> Creio ser de origem africana, e provavelmente de Angola.	Regionalismo: Brasil. 1dormir de leve; cabecear com sono; dormir, toscanejar; passar pelo sono [...]	cochilar (1671-1696)
Currumbá	s.m. (<i>Peru.</i>) o mesmo que <i>Sambongo</i> .	Currumbá. Regionalismo: Pernambuco. m.q. <i>sambongo</i> Sambongo Regionalismo: Nordeste do Brasil. doce de coco ralado ou mamão verde feito com mel de engenho, menos consistente que a cocada.	currumbá (sem datação) sambongo (1899)

- A segunda situação fica bem ilustrada quer em *capivira*, quer em *chico-da-ronda*, unidades para as quais Beaurepaire-Rohan aponta boa cópia de equivalentes brasileiros. Com efeito, a respeito de *capivira* 'nome com que se designa o habitante do campo', o lexicógrafo aponta vários sinónimos: em Portugal, *labrego*, *aldeão*, *camponez*; no Brasil, *rozeiro* (R. de Jan., Mat. Grosso e Pará); *tapiocano*, *babaquana*, *mucunango* (*Campos de Goytazeres*); *matuto* (Mina-Goraz, Per., Par. do Norte, R. Gr. do N. e Alagoas); *casaca* e *bahiano* (Pauhy); *guasca* (R. Gr. do Sul); *carau* (Sergipe); *tabaré* (Bahia, Sergipe, Maranhão e Pará). Não datada em Houaiss, a unidade *babaquana* "habitante do interior, geralmente pouco instruído e de modos simples; rozeiro, caipira" (Houaiss 2001) consta da nomenclatura de Macedo Soares (1889, p. 36), que lhe atribui origem brasileira. O caso de *chico-da-ronda* é igualmente muito revelador da variação lexical no Brasil. De facto, quer esta quer outras unidades parecem ser tomadas pelo lexicógrafo como variantes de *fandango* 'certos bailes ruidosos, de que usa a gente do campo, cantando, dançando e sapatando ao som da viola', característicos das "Provincias Meridionais". Assim, entre as várias denominações de bailes ou danças Beaurepaire-Rohan (1889, p. 63) indica as seguintes: *Ami*,⁸ *Bambáquer*,⁹ *Bem-zinho-amôis*,¹⁰
8. Com esta acepção mas sem datação, em Houaiss é vocábulo de "dança etnográfica. Regionalismo: São Paulo, Sul do Brasil" e, ainda, "primeira marca do fandango, em que mulheres e homens se revezam na roda (se bem que só estes sapatem), as palmas substituem (nos intervalos) o sapatado e o passo principal (o *oitô*) é realizado pelos homens, tendo as damas por centro dos dois círculos". A datação (1587) oferecida por Houaiss não corresponde às acepções acima.
 9. Registrada por Houaiss (2001), que a situa em 1899 (Cândido de Figueiredo), esta unidade refere uma "dança do fandango em que homens e mulheres dançam em torno de um par solista, que culmina sua execução com uma *umbigada*".
 10. Como aqui se demonstra, 1922, ano da 3ª edição do dicionário de Cândido Figueiredo, é uma datação totalmente desfasada, porquanto a unidade (com a acepção de espécie de fandango) consta da microestrutura de Beaurepaire-Rohan e, antes deste, aparece na de Coruja (?1856: p.15).

Cará,¹¹ *Cantinho*,¹² *Chamarria*,¹³ *Chará*,¹⁴ *Chico-puxado*,¹⁵ *Chio-da-ronda*,¹⁶ *Feliz-meu-bem*, *João-Fernandes*,¹⁷ *Meia-canha*, *Pagará*, *Pega-fogo*, *Revorada*, *Revorida*, *Sarraballo*, *Serrana*, *Tairá*,¹⁸ *Tyrama*.¹⁹

Na impossibilidade de confrontar todos os exemplos coligidos em outras Letras do DVB, nos dois quadros a seguir apresentam-se, por um lado, vocábulos tidos como brasileirismos

11. Houaiss (2001) apenas registra “cará” como denominação de um gênero comum de várias trepadeiras e como designação de diversos peixes.
12. Houaiss registra “candeiro” com a acepção de regionalismo do Rio Grande do Sul que denomina uma “variedade de baile campreste em que as danças se assemelham a certas formas do fandango”.
13. “Chama-ria” aparece em Houaiss com datação de 1899 (Cândido de Figueiredo), correspondendo a: “Rubrica: dança, etnografia. Regionalismo: Açores, Brasil”. Dança tradicional dos Açores introduzida no Sul do Brasil, como uma modalidade de fandango: chama-ria”.
14. Com a grafia de “xará” e sem datação, Houaiss define a forma como: “Regionalismo: Rio Grande do Sul, dança, de origem açoriana, pertencente ao fandango gaúcho”.
15. Com datação de 1899, segundo Houaiss é “Regionalismo: São Paulo, Sul do Brasil” que denomina uma variedade de fandango (‘dança de roda’) ou “uma das modalidades de execução do chico”.
16. Esta unidade já está registrada em Pereira Coruja (2001: p.15), mas Houaiss remete para 1899.
17. Neste caso, a datação proposta por Houaiss baseia-se no DVB. O mesmo não acontece com *feliz-meu-bem*, *meia-canha*, *pagará*, *pega-fogo*, *revorada*, *sarraballo* e *serrana*, palavras que, estando embora registradas em Coruja (2001: p.15), têm 1899 como datação.
18. Com datação de 1560, em Houaiss (2001) é definido como “Regionalismo: Sudeste do Brasil, Centro-Oeste do Brasil, dança de roda, virtuosística e de caráter satírico, em que um dos participantes narra, cantando, uma cagada ao talu”.
19. Beaupre-Rohan (1889, p.63) acrescenta: “[...] e outras, cujos nomes se ressentem da origem castelhana (Coruja)”. As unidades acima mencionadas constam todas da *Coleção de vocabullos e frases usados na Província de São Pedro do Sul*, publicada por Antônio Álvares Pereira Coruja (1856, p.15). Para designar uma dança, “tiraná” recebe em Houaiss uma datação vaga: século XVIII.

(quadro 4) e que são também usados em Portugal, contrariamente ao que se poderia deduzir dos enunciados de Beaupre-Rohan, e, por outro lado, exemplos de africanismos ou supostos africanismos, de acordo com o lexicógrafo brasileiro (quadro 5).

QUADRO 4 – Supostos “brasilirismos”

De <i>déu</i> em <i>déu</i> loc. adverbial (R. de Jan.) diz-se que anda de <i>déu</i> em <i>déu</i> a pessoa ou cousa que não se fixa em lugar algum. Aquelle que tem ensaio de industrias sem dellas tirar proveito; que tem sido successivamente mari-nheiro, criado, cocheiro, carroceiro, e sempre a procura de melhor posição, anda de <i>déu</i> em <i>déu</i> . Uma cousa sem dono, que passa de uma mão para outra, sem que ninguém a queira, anda de <i>déu</i> em <i>déu</i> .
<i>Fôrrobódó</i> , s.m. (Rio de Jan.) baile, sarau chirimim. O baile dado pelos car-navalescos não passou de um <i>fôrrobódó</i> .
<i>Pirralho</i> , s.m. criança, criança [..] Também dão o nome de <i>pirralho</i> a um homem de pequena estatura. I <i>Eym</i> . Este vocabulo será talvez de origem portugueza, mas não o menciona dictionario algum da nossa lingua.

De origem obscura, segundo Cunha (1994, p. 609) e Houaiss (2001), a palavra *pirralho* estaria atestada desde 1899. Por sua vez, *forrobodó*, que não é palavra exclusivamente brasileira, pois será uma “variante atual do galego forbodó”, conforme esclarece Houaiss (baseado em Evarildo Bechara), comum também em Portugal, e que, segundo Joseph Piel, se associa também a *farbódá*, do fr. *faux-bourdon*, figuradamente ‘sensaboria, desentonação’. A relação semântica entre *fabordão* e *forrobodó* decorre de que, na região pesquisada, segundo registra Bouza-Brey, é uma “dança com absoluta seriedad a golpe de bombo, los puntos monorrítmicos monótonos de ese baile que se llama *forbodo*”. Cunha (1994, p. 365) atribui-lhe uma “origem expressiva” e a mesma datação que Houaiss – 1899.

Não menos curioso é o caso da expressão idiomática (“fraseologismo”) *de déu em déu*, até hoje usada em Portugal, e que, segundo Macedo Soares (1889[1954, p. 22]), surge por etimologia popular de *Te Deum laudamus*, cantado nas igrejas, passando a significar “andar de lugar em lugar, de porta em porta em busca

de algo”. Houaiss atribui-lhe 1919 como datação. Ora, com base no registo lexicográfico de Beurepaire-Rohan seria possível retrodatar a expressão “andar de déu em déu”, que decerto seria bem mais antiga.

Por último, é de realçar que o *DTB* se caracteriza por procurar identificar os “africanismos” (Alkmin e Petter 2013) do Português do Brasil, conforme fica patente no quadro abaixo.

QUADRO 5 – Registo de “africanismos”

Banzar, v. <i>intr.</i> : ficar pensativo e em estado e cogitação sobre qualquer notícia ou acontecimento que não é de fácil explicação. Também admito a definição de Moraes: <i>passar de pena e magua</i> . Tem a sua origem no verbo <i>Cu-banza</i> que na língua bunda, significa pensar (Capello Ivens). [...] Obs. Aulete o menciona como termo popular, o que faz supor que é usual em Portugal.
Cassula <i>s.m.</i> e <i>s.f.</i> e filho ou filha mais moço de um casal. <i>Eym.</i> É voc. da língua bunda, significando filho último. Também dizemos cassulé [...].
Jimbo, <i>s.m.</i> dinheiro <i>Eym.</i> É voc. da língua bunda, e é o nome que no Congo dão à moeda representada por uma certa espécie de concha. A outra qualquer espécie de dinheiro chamam <i>Qui-tare</i> (Capello e Ivens). Também dizem <i>Jimbongo</i> . Obs. É tão somente por gracejo que nos servimos de <i>Jimbo</i> [...]. Moraes escreveu <i>Jimbo</i> e <i>Cimbongo</i> . Aulete menciona <i>Jimbo</i> como nome de um pássaro africano.
Muxiba, <i>s.f.</i> pelhancas, carne magra. <i>Eym.</i> Na língua bunda, o termo muxiba significa <i>artéria, veia</i> (Francina e Oliveira). É provável que d’ahi nos venha este vocábulo ainda que alterado em sua significação, com a mesma significação que lhe damos no Brasil. Obs. Aulete escreve <i>Muchinga</i> ; e Moraes <i>Moxinga</i> e <i>Muxinga</i> .

De acordo com a datação e a etimologia propostas por Houaiss, *bansçar* remonta a 1707 e será um derivado de “balançar”, origem que coincide com a indicada por Cunha (1994, p. 97). No entanto, Nascetes (1932, p. 98), alinhando com Beurepaire-Rohan, Macedo Soares, Pacheco e Limeira e, ainda, Amadeu Amaral, atribui ao quimbundo *cu-bansça* ‘estar pensativo e pesaroso’ a origem daquele verbo. Segundo Houaiss (2001), *capzila* ‘o filho mais novo’ tem origem no quimbundo *karzile* ‘último filho’ (*ka’zuli*,

segundo Cunha 1994, p.134), fazendo parte do léxico brasileiro. Pelo contrário, em Portugal, o filho mais novo de uma família denomina-se “benjamim”, substantivo atestado desde 1648 (Houaiss 2001). Por sua vez, *Jimbo* (sem datação em Houaiss) terá, de fato, origem no quimbundo, uma vez que tanto naquele dicionário como em Macedo Soares ([1889]1954, p. 254) e Nascetes (1932, p. 374) se atribui este substantivo ao quimbundo e congolés *zimbu* ‘búzio, concha’, remontando a 1555 (Cunha 1994, p. 455). Por último, a palavra *muxiba*, cuja origem no quimbundo é confirmada por Houaiss (quimb. *muxiba* ‘músculo, artéria, veia’), poderia ser igualmente retrodatada com base no testemunho de Beurepaire-Rohan, uma vez que este remete para Aulete e Valente (1881), que é anterior ao *Nôvo Dicionário* (1899), de Cândido de Figueiredo, obra que Houaiss toma como referência para a datação desta unidade.

A modo de conclusão

Os dados acima aduzidos permitem recer conclusões de várias ordens quer sobre o diálogo entre o *Dicionário de Vocabulos Brasileiros* (1889) e a moderna lexicografia da língua portuguesa, quer acerca do valor do *DTB* como fonte (pouco aproveitada) do dicionário Houaiss (2001).

Primeiramente, em linha com o que já salientou Noll (2012), é de realçar que a demonstração de possíveis retrodatações, baseadas na obra de Beurepaire-Rohan, não constitui propriamente uma crítica ao *Dicionário Houaiss*; trata-se, sim, de aquilatar a importância da antiga lexicografia, produzida no Brasil e em Portugal, para o progressivo aperfeiçoamento de um dicionário que é hoje, graças à extensão da sua nomenclatura e à riqueza da microestrutura, uma inconteste referência para o estudo da língua portuguesa. Com efeito, embora seja verdade que existem casos em que Beurepaire-Rohan fornece a datação a Houaiss, não é menos certo que em

muitos outros a mesma fonte não foi considerada, conquanto ela permitisse datar ou ajustar a datação atribuída à unidade ou à locução, o que leva a concluir que, em termos de cronologia e retrodatação, a lexicografia atual deve, em termos metodológicos, prever a inclusão sistemática de dados da antiga lexicografia no *corpus* textual, contemplando igualmente textos não lexicográficos, como em parte já se verifica em Houaiss. É claro que se trata de um projeto aberto em permanência, porquanto a compilação de vários séculos de dicionarística luso-brasileira é uma tarefa árdua e demorada, ainda que a lexicografia conte hoje com tecnologias avançadas. Por isso mesmo, nenhum dicionário satisfaz plenamente ou está isento de falhas e, do mesmo modo, nenhum oferece datações capazes de refletir a história e a dinâmica do léxico.

Por fim, o comentário dos exemplos reproduzidos nos quadros revelou que, não obstante colorem em evidência a especificidade do léxico brasileiro, quer o *DVB*, quer outros dicionários publicados no Brasil no último quartel do século XIX, estabelecem um relevante jogo intertextual com a dicionarística portuguesa do mesmo período, prestando particular atenção ao fenômeno de variação lexical.

Referências

- ALKMIN, T. (2012). "Um texto inaugural: o visconde da Pedra Branca e o Português do Brasil." *Stockholm Review of Latin American Studies*, 8, March, pp. 21-33.
- ALKMIN, T. e PETTER, M. (2013). "Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje", in: FLORIN, J. L. e PETTER, M. (eds.) *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*, 2ª ed. São Paulo: Contexto, pp. 145-178.
- AULETE, F. C. e VALENTE, A. L. dos S. (1881). *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Lisboa: Impr. Nacional.
- BALBI, A. (1826). "Introduction", in: *Atlas ethnographique du globe, ou classification des peuples anciens et modernes d'après leur langue*, tomo I. Paris: Chez Rey et Gravier, Libraires, pp. 172-175.
- BEAUREPAIRE-ROHAN, V. de (1889). *Dicionário de Vocabulos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- BLUTEAU, R. (1712-1721). *Vocabulário Português e Latino*. 8 vols. Coimbra: Collegium das Artes da Companhia de Jesu 1712-1716 (vol. 1-4); Lisboa: da Sylva 1716-1721 (vol. 4-8).
- BOLÉO, M. de P. (1943). *Brasilinismos (Problemas de Método)*. Coimbra: Coimbra Editora.
- BONVINI, E. (2002). "Palavras de origem africana no português do Brasil: do empréstimo à integração", in: NUNES, J. H. e PETTER, M. (orgs.) *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FELCH, pp. 147-162.
- BONVINI, E. (2008). "Línguas africanas e português falado no Brasil", in: FLORIN, J. L. e PETTER, M. (eds.) *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, pp. 15-62.
- COELHO, O. (2012). "O português do Brasil em Macedo Soares (1838-1905)." *Limite – Revista de Estudos Portugueses y de la Lusofonia*, nº 6, pp. 199-215. Disponível em: <http://www.revistalimite.es/volumen%206/10coel.pdf>. Acesso em: 20/02/2017.
- CONSTÂNCIO, F. S. (1836[1844]). *Novo Dicionário Crítico e Etimológico da Língua Portuguesa*, 2ª ed. Paris: Angelo Francisco Carneiro, Editor Proprietario.
- CORUJA, A. Á. P. (1852[1856]). *Coleção de Vocabulos e Frases usadas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul no Brasil*. Londres: Trübner e Comp.
- CASCUDO, L. da C. (1954). *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ins. Nac. do Livro.

CUNHA, A. G. da (1994). *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, 2ª ed., 6ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

CUNHA, C. (1987). *Em torno do conceito de brasileirismo?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

DIETRICH, W. e NOLL, V. (2010). "O papel do tupi na formação do português brasileiro", in: NOLL, V. e DIETRICH, W. *O português o tupi no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, pp. 81-103.

FERRERIA, M. (2002). "Palavras de origem indiana no léxico da língua portuguesa – categorias topológicas dos processos de empréstimo vocabular", in: HORTA, N. J. e PETTER, M. (orgs.) *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Pontes/Humanitas/FFLCH/USP, pp.191-200.

FIGUEIREDO, A. C. de (1899). *Nôvo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2 vols. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão.

FINATTO, M. J. B. (1993). *Da lexicografia brasileira (1813-1991): tipologia microestrutural de verbetes substantivos*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/147478>. Acesso em: 25/05/2016.

FIORIN, J. L. e PETTER, M. (eds.) (2008). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto.

GONÇALVES, M. F. (2006). "A marca lexicográfica 'Termo do Brasil' no *Vocabulário Português e Latino* de D. Rafael Bluteau.", *Alfa – Revista de Linguística*, 50(2), pp. 205-228.

GONÇALVES, M. F. (2012). "La terminología azucarera", in: VIÑA, A. e CORBELLA, D. (eds.) *La ruta azucarera atlántica. Historia y documentación*. Funchal/Tenerife: Centro de Estudos de Historia do Atlântico/Universidad de La Laguna, pp. 101-132.

GONÇALVES, M. F. (2016). "A 'terminologia açucareira' em dicionários brasileiros da língua portuguesa: o 'Vocabulário

Brasileiro' (1853) e o 'Dicionário de Vocabulos Brasileiros' (1889)", in: COLUCCIA, Rosario; BRINCAT, Joseph M. e MÖHREN, Frankwalt (eds.) *Actes du XXVII^e Congrès international de linguistique et de philologie romanes, Section 5: Lexicologie, phraseologie, lexicographie*. Nancy, ATILF, pp. 293-304. Disponível em: <http://www.atilf.fr/cilpr2013/actes/section-5/CILPR-2013-5-Goncalvez.pdf>. Acesso em: 30/06/2017.

HOUAISS, A. (2001). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva.

MURAKAWA, C. de A. A. (2005). "Brasileirismo: um registro lexicográfico desde o século XVIII." *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 745-755.

_____. (2006). *Antônio de Moraes Silva, lexicógrafo do século XVIII*. São Paulo/Araraquara: Editora Cultura Acadêmica/Unesp/FCL/Laboratório Editorial.

NASCENTES, A. (1932). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 2 vols. Rio de Janeiro: Livraria São José.

NOLL, V. (2012). "Para uma revisão do dicionário Houaiss – Vocabulário e datações." *Confluência – Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, nº 43, pp. 68-77, 2º semestre. Disponível em: <http://lbr.bibliopolis.info/confluencia/pdf/653.pdf>

NOLL, V. e DIETRICH, W. (2010). *O português o tupi no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto.

NUNES, J. H. e PETTER, M. (orgs.) (2002). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Pontes/Humanitas/FFLCH/USP

OLIVEIRA, A. M. P. P. de (1998). "Brasileirismos e Regionalismos." *Alfa – Revista de Linguística*, vol. 42, nº especial. São Paulo: Unesp, pp. 109-120.

PEREIRA, B. (1647). *Theouro da Língua Portuguesa* [...]. Lisboa: Na Officina de Paulo Graesbeck

DE HISTÓRIAS, PALAVRAS E DICIONÁRIOS

PESSOA de CASTRO, Y. (2006). "A matriz africana no português do Brasil", in: CARDOSO, S. A.; MOTTA, J.; MATTOS e SILVA, R. V. (orgs.) *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, pp. 81-116.

PETTER, M. (2002). "Termos de origem africana no léxico do português do Brasil", in: NUNES, J. H. e PETTER, M. (orgs.) *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FHFLCH, pp. 123-145.

_____. (2006). "Línguas africanas no Brasil", in: CARDOSO, S. A.; MOTTA, J.; MATTOS e SILVA, R. V. (orgs.) *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, pp. 117-142.

RODRIGUES, A. D. (2010). "Tupi, tupinambá, línguas gerais e português do Brasil", in: NOLL, V. e DIETRICH, W. O. *português e tupi no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, pp. 27-47.

RUBIM, B. da C. (1853). *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa por [...]*. Rio de Janeiro: Emp. Typ. Dous de Dezembro de Paula Brito/Impressor da Caza do Imperador.

SILVESTRE, J. P. (2008). *Bateau e as origens da lexicografia moderna*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

SOARES, A. J. de M. (11889|1954). *Dicionário brasileiro da Língua Portuguesa. Etludário etimológico crítico das palavras e frases que, originárias do Brasil, ou aqui populares, se não encontram nos Dicionários da Língua Portuguesa, ou não têm com forma ou significação diferente (1875-1888)*, 2 vols. pelo [...]. Coligido, reviso e completado por seu filho Dr. Julio Rangel de Macedo Soares. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.

VERDELHO, T. (2002). "Dicionários portugueses. Breve história", in: NUNES, J. H. e PETTER, M. (orgs.) *História do saber*

lexical e constituição de um léxico brasileiro. São Paulo: Humanitas, Campinas: Pontes, pp. 15-64.

VERDELHO, T. (2003). "O Dicionário de Moraes Silva e o início da lexicografia moderna", in: HEAD, B. et al. (orgs.) *História da Língua e história da gramática*. Actas do Encontro. Braga: Universidade do Minho/ILCH, pp. 473-490.

VERDELHO, T. e SILVESTRE, J. P. (orgs.) (2007). *Dicionários portugueses. inventariação e estado do património lexicográfico*. Aveiro: Universidade de Aveiro (Col. Theoria Poiesis Praxis)

VIEIRA, Fr. D. (1871-1874). *Grande dicionário português ou thesouro da língua portuguesa*. 5 vols. Porto: Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu Moraes.

Notas referentes aos Quadros 2 e 3.

1. O lexicógrafo identifica a variedade regional em que o verbo se registra "1..] (R. Cr. do S.) acostumar os cavalos a persistem junto da água madrinha" (Beaurepaire-Rohan 1889, p.5).
2. Para Houaiss, que aponta 1899 como datação e confirma a origem castelhana, "canhada" é "Regionalismo: Sul do Brasil", designando um "terreno plano e baixo entre duas colinas pequenas". Sem datação. Houaiss inclui a locução "boquinha da noite" no verbete "boca": "na b. da noite ao anoltecer, à noite".
3. Houaiss (2001) funda-se no registo de Solano Constande, cujo *Novo Dicionário Crítico e Etimológico da Língua Portuguesa* (1838) teve uma 2ª edição em 1844.
4. Em consonância com Beaurepaire-Rohan, Houaiss corrabora a definição e o âmbito regional de "ailho" que, neste dicionário, com a marca de "Regionalismo: Brasil", significa "revo de espigas de milho atado com a própria palha".
5. Em Houaiss, "munguz" tem datação de 1861. É o mesmo que "munguzá".
6. Para denominar certa "qualidade de rape", canjica já está atestado em Braz da Costa Rubim (1853, p. 17). De acordo com Soares Macedo (1889|1954, p.101), os homónimos são averbados em estatutos separados, ao invés da prática lexicográfica de Beaurepaire-Rohan.
7. Segundo Houaiss, no domínio da culinária, "curau" é "Regionalismo: Brasil" equivalente de "canjica" (papa), designando também outro

9. "Regionalismo: Norte do Brasil, comida de carne salgada pilada com farinha de mandioca".
Em Houaiss, o vocábulo "piruruca" é marcado como termo do gariampo e da construção: "Regionalismo: Minas Gerais. 1 m.q. canjica; 2 variedade de fôrro de cantaria que mescla pedras pequenas, irregulares".
10. De acordo com Houaiss, "pururuca" é "Regionalismo: Rio Grande do Sul, variedade de milho pequeno e duro, us. sobretudo na alimentação de cavalos de corrida; peruruca" mas é também termo de gariampo. "Regionalismo: Brasil m.q. canjica ('cascalho')".
11. Com a grafia "cangiquinha", Rubim (1853, p. 17) registra esta unidade como "vocábulo brasileiro". Assim, na falta de outra fonte, Houaiss poderia apontar 1853 como datação. Baseado em Rubim, também Soares Macedo (1889[1954, p. 102]) inclui "canjiquinha" no seu *Dicionário Brasileiro*.
12. Além desta expressão, Beaurepaire-Rohan acrescenta as seguintes, todas elas remetendo para "charque" e não datadas em Houaiss: *carne do sol*, *carne do Ceará*, *carne do sertão*, *carne secca*.
13. Segundo Houaiss, é a "carne bovina cortada em mantas, salgada e seca ao sol ou por processos afins; carne-seca, jabbá".
14. Houaiss (2001) define esta unidade como uma "dança. Regionalismo: São Paulo, Sul do Brasil, variedade de fandango ('dança de roda') uma das modalidades de execução do chico". Para Beaurepaire-Rohan, *chico-puxado* e *chico-da ronda* têm exactamente a mesma definição. Em Houaiss (2001) apenas se regista a primeira aceção de Beaurepaire-Rohan.
- 15.

SILVA PINTO E BEAUREPAIRE-ROHAN: HOMENS PÚBLICOS, DICIONARISTAS E CARTÓGRAFOS

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Marcia Maria Duarte dos Santos

Introdução

Tratamos, neste trabalho, de Luiz Maria da Silva Pinto e Henrique Pedro Carlos Beaurepaire-Rohan, dois homens que se notabilizaram nos Oitocentos, considerando suas trajetórias de vida pública e alguns dos seus legados de interesse para estudos lexicográficos e cartográficos. Procuramos colocar em relevo o fato de que o trabalho de ambos suscitou e suscita interesse de intelectuais de várias áreas de conhecimento. Entretanto, apesar dos estudos existentes sobre as obras dos autores considerados, há muito ainda a se pesquisar, com proveito, tanto para a lexicografia histórica, como para a cartografia e a geografia histórica. É o que pretendemos também ressaltar com a exposição a seguir, distinguindo-se os trabalhos sobre a nova organização civil da Província de Minas Gerais, de Silva Pinto, e a produção de um